

“Ofereço o retrato de minha filha como prova de nosso reconhecimento”: O corpo feminino na perspectiva da saúde mental expresso em fonte jornalística na cidade de Feira de Santana, Bahia (1921-1950)

Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni¹

ORCID: 0000-0001-5695-1428

Rebeca Ribeiro Ferreira²

ORCID: 0000-0003-3140-6428

Resumo: A perspectiva histórica da saúde mental (SM) na cidade de Feira de Santana, Bahia, remete à relação de gênero enquanto elemento condicionante de experiências que permitem compreender a sociedade urbana no recorte temporal do início do século XX. Os discursos difundidos na imprensa podem dar pistas sobre estas experiências e construções e assim, este artigo objetiva identificar como a SM foi traduzida nas publicações Jornal Folha do Norte (JFN), no período 1921-1950. Esta pesquisa tem caráter documental, abordagem qualitativa a partir do levantamento de dados no acervo de exemplares digitalizados do JFN no Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). A análise das publicações identificou, entre anúncios, propagandas e notícias, um discurso imposto pelo modelo médico-sanitário vigente que converge para o foco da doença com dispositivos de disciplinamento do corpo baseado na medicalização como símbolo de civilização, para diversas patologias, bem como a

¹ Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Professora Adjunta do Departamento de Ciências Biológicas Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia.

² Graduanda em Psicologia na Universidade Estadual de Feira de Santana.

atenção em SM, em especial nas mulheres. Os vários anúncios e propagandas de medicamentos tinham base fitoterápica, referentes ao controle do ciclo hormonal feminino na época entendido como incômodo, exigindo cuidados especiais; às oscilações hormonais inerentes da fisiologia feminina, que levam a mal-estar e irritabilidade, aspectos considerados na época como infortúnios. A medicação era tida como solução que fazia bem à saúde, silenciando os incômodos, indisposições e fragilidades atribuídos ao corpo feminino. Tal representação do corpo feminino em um contexto medicalizado aponta para questões relacionadas à desigualdade de gênero ancorada no discurso médico e como o entorno social permeia processos destrutivos à SM.

Palavras-chave: Saúde Mental. Corpo Feminino. Saber Poder.

Abstract: The historical perspective of mental health in the city of Feira de Santana, Bahia, refers to the gender relationship as a conditioning element of experiences that allow understanding society in this time frame. The speeches disseminated in the journalistic press can give clues about these experiences and constructions. Thus, this article aims to identify how mental health was translated in the publications *Jornal Folha do Norte (JFN)*, in the period 1921-1950. This research has a documentary character, a qualitative approach based on data collection from the collection of digitized copies of the *JFN* at the Casa do Sertão Museum of the Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) University. The analysis of publications identified, between advertisements and news, a discourse imposed by the current medical-sanitary model that converges to the focus of the disease with devices for disciplining the body based on medicalization for mental health care, especially for women. Several news and drug advertisements were based on herbal medicine, referring to the control of the female hormonal cycle at the time, understood as a nuisance; to the hormonal oscillations inherent in the female physiology, which lead to malaise and irritability, aspects considered female misfortunes. Such visibility of the female body in a medicalized context points to issues related to gender inequality and how the social environment permeates destructive processes to mental health.

Keywords: Mental Health. Feminine body. Power-Knowledge.

Resumen: La perspectiva histórica de la salud mental (SM) en la ciudad de Feira de Santana, Bahía, se refiere a la relación de género como elemento condicionante de experiencias que permiten comprender la sociedad urbana en el marco temporal de principios del siglo XX. Los discursos difundidos en la prensa pueden dar pistas sobre esas experiencias y construcciones y así, este artículo tiene como objetivo identificar cómo la SM fue traducida en los periódicos Folha do Norte (JFN), en el período 1921-1950. Esta investigación tiene un carácter documental, abordaje cualitativo a partir de la recolección de datos en la colección de copias digitalizadas del JFN en el Museo Casa do Sertão de la Universidad Estadual de Feira de Santana (UEFS). El análisis de las publicaciones identificó, entre anuncios y noticias, un discurso impuesto por el actual modelo médico-sanitario que converge al foco de la enfermedad con dispositivos disciplinadores del cuerpo basados en la medicalización como símbolo de civilización, para diversas patologías, así como la atención en SM, especialmente en mujeres. Los diversos anuncios de medicamentos tenían una base fitoterapéutica, refiriéndose al control del ciclo hormonal femenino en la época, entendido como una molestia, que requería cuidados especiales; a las oscilaciones hormonales propias de la fisiología femenina, que conducen al malestar y la irritabilidad, aspectos considerados en la época como desgracias. La medicación fue vista como una solución buena para la salud, silenciando las molestias, indisposiciones y debilidades atribuidas al cuerpo femenino. Tal representación del cuerpo femenino en un contexto medicalizado apunta a cuestiones relacionadas con la desigualdad de género ancladas en el discurso médico y cómo el entorno social permea los procesos destructivos de la SM.

Palabras clave: Salud Mental. Cuerpo Femenino. Saber Poder.

Introdução

A presente pesquisa parte da premissa de que a cultura construída a partir de eventos históricos influencia diretamente a saúde mental (SM) da sociedade. Amparada nos pressupostos de Michel Foucault (1977-1978/2008), este artigo propõe a reflexão sobre o descompasso social na exclusão daquelas que apresentam condutas consideradas “incômodos femininos” e a prática do cuidado da SM, permeada na resistência em garantir a emancipação das jovens que apresentassem adoecimento psíquico. Pode-se analisar tal aspecto da saúde em determinada sociedade a partir de sua história e, como ressaltou Orlandi (2012), o jornalismo tem função organizadora das produções diárias das práticas sociais, representando através da mídia certos aspectos de uma população, formulando sentidos à identidade de determinado território. Compreender as identidades implica em estudar como as formas simbólicas são mobilizadas para sua construção (LARRAIN, 2003).

Estabeleceu-se um diálogo com a bibliografia levantada e conteúdos expressos no Jornal Folha do Norte (JFN), periódico da cidade de Feira de Santana, Bahia, que circula desde 1901 até os dias atuais, constituindo patrimônio material da região. O JFN pode ser considerado fonte de pesquisa relevante por documentar o cotidiano da cidade, ainda que alinhado com a elite conservadora e os ideais higiênicos da Saúde Pública fortemente enraizados na cultura local, entre eles a percepção do corpo feminino e a consolidação de representações socioculturais, como o trato com a SM.

A SM se enquadra como campo de estudos e intervenções que está submetido a muitos preconceitos. Difícil de conceituar, a própria Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que não existe uma definição oficial (GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, 2019). Considerando as variáveis que norteiam o termo, esse campo possui muitos julgamentos prévios dos usuários de serviços de saúde. A complexidade de conceituar a SM provém da relação que esse campo estabelece com cada cultura, dado momento histórico, determinada população, pois parte do que é tido como modelo de “comportamento normal”, conduta seguida pela maioria das pessoas que compõem determinada sociedade (DE SOUZA; BAPTISTA, 2008). Assim, o senso comum relaciona a SM ao comportamento desviante. O aspecto cultural e histórico, como bem observa os autores citados, influencia as práticas e serviços de saúde por pautarem as condições de saúde e doença mental.

O vasto campo da SM envolve diferenças culturais, particularidades, período histórico, contexto social, espaço-território, entre outros aspectos que afetam diretamente a práxis e as correntes teóricas que embasam o campo. De modo geral, esse termo é utilizado para descrever o nível de qualidade cognitiva ou emocional dos seres humanos. SM inclui também a capacidade de um indivíduo de discernir o que é aceito ou não por determinada sociedade. Isso envolve o discurso normativo onde aquele que desfruta de boa SM é quem se enquadra como "normal" na sociedade. Assim, SM é mais ampla que a mera ausência de transtornos mentais em si.

SM está muito implicada no extrato social, na ordem pública. A legitimação do poder do Estado em organizar e promover ordem nos respectivos territórios que governam atribuem aos cidadãos responsabilidades éticas sociais. Os que não obedecem às leis, perturbam a normalidade estabelecida e passam a estar à margem da sociedade, assim, o aspecto sócio-histórico-cultural se entrelaça à SM. Importante ressaltar que no período estudado o mundo estava no rescaldo da I Guerra e passando pela vivência trágica da II Guerra Mundial.

No que concerne ao Município de Feira de Santana, como bem explana De Souza Santana e Barboni (2020), a SM tem o estigma de loucura, hegemonia do modelo médico muito forte naquela cidade dentro do período estudado pela autora (1909-1921). Nesta perspectiva, o cotidiano da cidade expresso no JFN se constitui neste estudo enquanto fonte primária, reveladora de como se construiu o imaginário, como se formou a percepção da loucura e porque boa parte foi atribuída ao feminino:

O jornalismo narra a realidade cotidiana de um espaço central, com regras e convenções, para a sociedade. Para tanto, utiliza-se de jogos de linguagem, para sugerir determinada significação, coerente com a visão de mundo de quem a produziu (ROSA, 2010, p. 287).

Situada na região do semiárido do Estado da Bahia, distante 108 quilômetros da capital Salvador, Feira de Santana foi povoada no século XVII devido à "rede hidrográfica composta pelos rios Jacuípe, Pojuca e Subaé, além dos alagadiços que se estendem na vastidão do tabuleiro que servia de pórtico para o sertão" (QUEIROZ; SÁ; ASSIS, 2004, p. 413). Começou como povoado e foi se tornando uma vila. Com o crescimento contínuo, em 1833 emancipou-se de Cachoeira com o título de Cidade Comercial de Feira de Santana. A boa fama de cidade comercial vem desde essa época, onde Feira de Santana se interligava

com as cidades de Cachoeira e São Félix. A ligação com várias cidades comerciais tornou Feira o maior entreposto de matérias-primas para a emergente produção do Recôncavo. Neste contexto de favorável localização geográfica, o município de Feira de Santana se torna o mais importante eixo rodoviário da Bahia por facilitar o processo migratório e atualmente ainda mantém sua economia crescente (ARAÚJO, 2001). Por facilitar grande fluxo migratório das regiões, a cidade apresenta, desde sua origem, um contingente populacional significativo e de baixa renda. A qualidade de vida da população feirense, mediante seu histórico prevalentemente migratório, “nas últimas décadas, houve evolução de todos os índices de desenvolvimento humano (educação, saúde e renda), com exceção dos índices relacionados à renda, que, após elevação na década de 1970, sofre queda a partir da década de 1980” (QUEIROZ; SÁ; ASSIS, 2004, p. 419). Entretanto, a cidade manteve-se até os dias atuais ambígua entre a “cultura da roça” e as ações desenvolvimentistas instauradas a partir da década de 70 do século XX. É neste contexto ambivalente que a assistência à SM fornecida na cidade ainda está pautada no modelo biomédico com foco na doença e no medicamento preconizado pela Psiquiatria.

Neste contexto, o JFN é uma das fontes produtoras de discursos de uma elite letrada e dirigidos à esta mesma elite, endossados pelo modelo biomédico, legitimando suas tecnologias e práticas como indicadores de progresso pelo abandono das práticas médicas das classes pobres populares, consideradas atrasadas, ignorantes e inferiores. Remontando a esse aspecto, desde então o paradigma científico e sua racionalidade médica instrumental que a si mesmo atribui conhecimento absoluto da verdade e único conhecedor do corpo, era legitimado.

De Souza, Santana e Barboni (2020), que também explanam recortes históricos do periódico JFN no período estudado 1909-1921, apontam para a “negação e silenciamento da loucura e dos transtornos mentais” (DE SOUZA; SANTANA; BARBONI, 2020 p.166) na cidade de Feira de Santana, mediante esse contexto de tendência higienista. As autoras identificaram nos exemplares do JFN que no âmbito da SM, a loucura não tem visibilidade apesar de ser um tipo de sofrimento psíquico resultante da interação social e constata grande enfoque no modelo médico “curativo”, uma vez que os anúncios e propagandas abordam apenas o tratamento de patologias no corpo. Isso revela a forte influência que esse modelo biomédico fez na cultura feirense e conseqüentemente na construção

da saúde da população de Feira de Santana, com a valorização do médico e medicamentos "curativistas".

A SM, no período estudado, estava invisibilizada devido ao contexto social predominantemente biomédico que identificava como adoecimento as enfermidades de origem fisiológica desconsiderando fatores psicológicos e sociais. No cenário contemporâneo, esse modelo persiste. Frente às práticas de tratamento da SM "a necessidade de ser científico, acompanhando o modelo médico, permanece presente na psiquiatria de hoje" (PEREIRA, 1995, p. 226). Neste sentido, na produção de identidades, concordamos com BIROLI (2007):

Se houve mudanças, é preciso lembrar que não há "progresso" sem a gênese de indivíduos que trabalhem adequadamente para a reprodução de sua lógica, integrem e internalizem essa lógica e, sobretudo, a defendam. Daí a impossibilidade de separar controle, disciplina e construção de identidade, mesmo quando se pensa nas formas de distinção e valorização que constituem as normas abordadas (BIROLI, 2007, P. 123)

A população da cidade de Feira na década de 40 era estimada em 83.268 habitantes, sendo 63.608 da zona rural (ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE FEIRA DE SANTANA, 2012, p. 141). Com a maior parte da população na zona rural, nos anos 20 a estimativa era menor, composta por analfabetos, marcada pela cultura sertaneja, e uma elite de fazendeiros.

A perspectiva histórica e social da SM na cidade de Feira de Santana, Bahia, parece remeter à relação de gênero enquanto elemento condicionante das experiências sociais. Assim como Foucault compreendeu que os sistemas jurídicos de poder produzem sujeitos que tendem a representar o próprio sistema, Judith Butler (1999/2007) complementa as concepções de Foucault ao defender que o gênero não se restringe a uma construção social, mas a uma produção do poder. Ao reconhecer que os sujeitos estão engendrados pelos mecanismos de poder - categorias identitárias - é possível perceber a restrita liberdade das pessoas em expressar o ser autêntico e verdadeiro que não cabe na organização normatizadora.

Ao seguir nosso objetivo principal em compreender como a SM está representada no JFN, a partir do recorte temporal que vai de 1921 a 1959, nos deparamos com as numerosas propagandas de medicamentos, sem referência direta e objetiva à SM da população feirense da época, mas tipificando os "incômodos" menstruais femininos como negativos e ligados à questão da SM

feminina. Grande parte destes anúncios eram compostos por textos longos, com linguagem rebuscada, vários elementos discursivos, pouca frequência da linguagem científica, enfatizando algum mistério nestes “incômodos femininos” através de imagens e letras grandes. Estudiosos na área de comunicação da escola de Frankfurt desenvolveram análises com enfoque no comportamento do leitor local de mídias de comunicação (jornais, revistas, etc.) que nos ajudam a compreender a função dessas propagandas entre os achados da presente pesquisa. Esses teóricos da comunicação social revelam que a publicidade, mais precisamente as propagandas pagas, se diferencia das propagandas de notícias por exercerem uma função específica que atende à questão mercadológica da época.

A indústria cultural formada na primeira metade do século 20, recorte temporal da presente pesquisa, priorizava o estímulo ao consumo e entretenimento afim de diminuir tensões sociais causadas pelo capitalismo. Mediante as demandas do mercado, os pensadores da escola de Frankfurt desenvolveram novos meios de reprodução técnica e difusão em larga escala de informação. No livro *Dialética do Esclarecimento* (1944), Adorno e Horkheimer observaram que os processos de industrialização atingem a produção artística e, nesse contexto histórico de transformação social por conta da industrialização, a expressão artística passou a ser através de propagandas onde a arte e cultura estão sujeitas às imposições do mercado. Em suma, a produção cultural neste período passou a estar articulada com os objetivos estruturais do capital, assim qualquer expressão crítica da arte e cultura estariam praticamente descartadas nos meios de comunicação de massa. O discurso disseminado pelas propagandas pagas de medicamentos no JFN buscava convencer o leitor ao consumo desenfreado de medicamentos por conta própria, sem a orientação da consulta médica prévia.

À exemplo, foi encontrada uma propaganda de medicamento, publicada em 1921, que reforça esta hipótese. Trata-se da propaganda do medicamento “A saúde da mulher” registrada em várias edições do JFN no período estudado. Consultar figura 1:



Figura 1: Propaganda do medicamento “A Saúde da Mulher” no exemplar da Folha do Norte de 12 de março de 1921. Acessada em: 28 de agosto de 2019.

Esse medicamento é vendido até os dias atuais com o mesmo nome e mesma indicação para o público-alvo: as mulheres. Essa propaganda é composta pela foto de uma jovem, Maria Luiza, juntamente com o relato de seu pai;

St^a Maria Luiza (não legível)

Srs. Daudt & Oliveira - Minha filha Maria Luiza, alunas da Escola Normal, sofrendo de incommodos provenientes da mudança de idade, usou A Saúde da Mulher e com poucos vidros ficou radicalmente curada. Muito grato a Vs. Sr. pela cura que seu prodigioso remédio operou, aconselho-os a publicarem estas linhas e ofereço o retrato de minha filha como prova de nosso reconhecimento.

REGINALDO PEREIRA DA SILVA (Rio de Janeiro)

A propaganda é feita a partir do relato de um pai acerca dos efeitos da medicação em sua jovem filha e o medicamento que “cura incommodos de Senhoras”. O modo ao qual a propaganda foi feita revela como o corpo feminino era fortemente marcado pelo ciclo biológico-reprodutivo, reduzindo assim o destino da mulher à fisiologia humana. A jovem “garota propaganda”, de aparência saudável, passiva aos

interesses do pai, nada tem a dizer, não tem espaço para sua fala. Ela passou por uma exposição social, tendo seu retrato publicado e associado ao relato do próprio pai no JFN, que testemunha, garante e autentica o medicamento.

A oscilação hormonal vivenciada pela jovem proveniente do ciclo menstrual foi descrita pelo pai como "incommodos provenientes da mudança de idade", o qual reflete o olhar preocupado e protetor do pai e ao mesmo tempo, depreciativo e controlador do masculino. Ambos perturbavam o modelo idealizado de "moça", de mulher, compatível com a época, pautado na submissão, no recato e na docilidade, aspecto também detectado nos estudos de De Souza Santana e Barboni (2020).

A maneira como a mulher feirense era percebida e compreendida no JFN e por seus contemporâneos, é demarcada por certo distanciamento entre o que a mulher realmente foi e a forma pela qual foi apresentada. Sabemos que a demarcação entre o real e imaginário é invisível, pois consiste na leitura representativa do real sempre visto por um outro subjetivo. No entanto, percebemos que a natureza desse distanciamento está permeada por estereótipos sociais marcantes da época – começo do século 20. A imagem que se depreende da figura feminina foi descrita pela imprensa seguindo o viés estereotipado da época, pelo representativo dicotômico da mulher. Assim como Grossman (1998), De Souza Santana e Barboni (2020) identificaram representativos incisivos atribuídos à imagem da mulher em fontes jornalísticas da primeira metade do século 20, "Chegamos à conclusão de que a mulher era descrita em termos extremos e dicotômicos: mãe ou prostituta, santa ou satânica" (GROSSMAN, 1998, p. 74). Associada à pureza, "a doméstica, para se casar" ou à impura "prostituta", louca:

Através da publicação "Elisa - A Doida", percebe-se o ideal de civilização que a sociedade da época pregava com a loucura estigmatizada pelo abandono do louco pela família e pelo poder público; o medo de suas ações agressivas e atrevidas; e, como mulher, pobre e louca estava despejada nas ruas (DE SOUZA SANTANA; BARBONI, 2020 p.162).

A presente pesquisa corrobora os autores citados frente aos achados do JFN (1921-1950), que alinhava as mulheres da época a parâmetros morais. Evidenciamos também que a classe social era o ponto que diferenciava as mulheres "puras" ou "loucas", mediante o parâmetro do nível socioeconômico, demarcando, portanto, uma série de interesses da imprensa com setores da classe alta, que

subsidiava as mídias na época. O corpo feminino silenciado tendia a ocultar a mulher que estudava e trabalhava, para manter este corpo conectado com seu estado natural, um corpo que fala e reflete o emocional e suas angústias.

Outra propaganda encontrada, também direcionada ao ciclo menstrual (figura 2), revela acerca da representação do corpo feminino. O medicamento "Cafiaspirina", cuja propaganda foi amplamente publicada nas edições da Folha do Norte entre os anos de 1923-1924, apresenta a seguinte descrição: "Contra a dor de cabeça, cólicas, e o mal-estar nervoso que as senhoras sofrem durante os períodos physiologicos mensaes. Não há nada que se compara com a cafiaspirina".



Figura 2: Propaganda do medicamento "Cafiaspirina" no exemplar da Folha do Norte de maio de 1924. Acessada em: 10 de setembro de 2019.

Ainda que este mesmo medicamento seja indicado para outros tipos de dores - dores de cabeça, de dente, de ouvido - a propaganda direcionada ao público feminino é descrita a partir das sensações emocionais, como o "mal-estar nervoso", relacionando a mulher com o âmbito emocional. O impacto disso é a subordinação da figura feminina nos meandros da sociedade. A indicação desse medicamento é direcionada às mulheres que sofrem de "doenças do útero, flores brancas, suspensões, hemorragias", notícia apresentada na figura 3. Observa-se que a disseminação de propagandas de medicamentos feitas em jornais no início do século XX refletia a representação social da época, longe de uma identidade regional, mas baseada no modelo eurocêntrico e biomédico.



Figura 3: Propaganda do medicamento “A Saúde da Mulher” no exemplar da Folha do Norte de 20 de julho de 1921. Acessada em: 28 de agosto de 2019.

A mulher neste contexto estava restrita aos afazeres familiares. Sua ascensão social era tida a partir do casamento e ao gerar filhos. Não havia incentivos dos familiares em profissionalizar as mulheres com estudos para seguir uma carreira e assim ocupar o lugar de autonomia financeira. Até mesmo o mercado impossibilitava a adesão de mulheres que conseguiam se especializar e se preparar para determinada função devido à soberania masculina.

Em sua tese de doutorado, Mestre (2004) apresenta as representações que o corpo feminino tinha que sustentar no século 20. Segundo a autora, apesar da primeira onda do feminismo³, a condição de “mulher do lar” dificultava a participação de muitas mulheres na luta: “Não havia vantagens aparentes, para a maioria das mulheres, em participar dessas reivindicações. O espaço “privado” lhes concedia proteção e até certos privilégios, a começar pela valorização de sua função materna e “civilizadora”” (MESTRE, 2004, p.12). Inevitavelmente, a industrialização do século 20 afetou as mudanças socioeconômicas propiciando gradualmente mudanças na condição feminina na camada social. O período estudado (1921-1925) é representativo dessas lentas mudanças que chegaram tardiamente ao Brasil, segundo Coutinho (1996), que começou efetivamente a partir da década de 80 e mais tardia ainda no espectro feirense, onde nesse período a cidade era inteiramente agrária.

³ Série de movimentos em prol dos direitos civis e políticos que buscava igualar juridicamente homens e mulheres ocorridos em meados do século XIX em alguns países como Inglaterra, França, Alemanha, Rússia e USA

Ao nortear o âmbito social do período estudado, a análise das publicações nos exemplares do JFN apontou para os anúncios relacionados a medicamentos para enfermidades físicas. De cunho mental, apenas houve anúncios direcionados ao chamado “incommodos provenientes da mudança de idade”, “incommodos dos nervos” ou “incommodos das senhoras e senhoritas”, noticiado especificamente no medicamento “A Saúde da Mulher” o qual foi criado para o público que passa por alterações hormonais periodicamente e que, por consequência, vivencia intensa oscilação de humor.

As propagandas de medicamentos da época não tinham supervisão ou restrições de órgão regulamentadores da saúde, como ocorre nos dias de hoje. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) desde 2008 dispõe da Resolução – RDC Nº 96, que regulamenta critérios para propaganda, publicidade, informação e outras práticas de promoção comercial de medicamentos (BRASIL, 2008). Ao analisar o conteúdo de dez propagandas de medicamentos de comercialização livre no Brasil, Rabello e Camargo Júnior (2012) constataram que as mensagens sobrepostas subjacentes nas propagandas são de que os problemas de saúde têm origem física ou interpessoal, mas apresentam soluções individuais que corrobora na compra e uso de determinado medicamento. Os citados estudiosos concluíram que o ideal de saúde e qualidade de vida é, pelas propagandas, associado ao consumo. Essa perspectiva corrobora os anúncios coletados no JFN (figuras 1, 2 e 3) e podemos observar a permanência dessa postura mercadológica ainda nos dias atuais (figura 4) que, apesar das restrições da ANVISA, sustentam na propaganda esse ideal de bem-estar no consumo medicamentoso.



Figura 4: Foto do medicamento “A Saúde da Mulher” no portal farmacêutico *online* Consulta Remédios acessado em: 27 de novembro de 2019.

Na bula disponível no site da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), no item 6 estão as indicações de uso do citado medicamento:

6. COMO DEVO USAR ESTE MEDICAMENTO?

Deve-se tomar A Saúde da Mulher® por via oral, sempre diluído em meio copo d' água. Nas *irregularidades* do fluxo menstrual (iniciando o tratamento 15 dias após o término da menstruação) e nas *perturbações* na menopausa, tomar 1 copo-medida duas vezes ao dia (a cada 12 horas) durante 7 dias. Nos casos de cólicas menstruais, tomar durante a menstruação 1 copo-medida três vezes ao dia (a cada 8 horas). Nos casos de inflamações e hemorragias uterinas tomar 1 copo-medida 4 vezes ao dia (a cada 6 horas) até o alívio dos sintomas (BRASIL, 2019, p.3, grifos nossos).

O uso de adjetivos pejorativos (*irregularidades* e *perturbações*) na referência aos fenômenos naturais do ciclo hormonal feminino dão indício da forma como o feminino ainda é referido no âmbito social. Esse ciclo é inerente a mulheres em idade reprodutiva, e é neste período de oscilação hormonal que se apresentam sintomas emocionais, cognitivos e físicos, de acordo com Valadares, Ferreira, Correia Filho e Romano-Silva (2006). Relacionados ao ciclo menstrual, as mulheres demonstram além de sintomas físicos, sintomas emocionais como irritabilidade e humor depressivo que interferem no envolvimento social, ocupacional e sexual da mulher. O evento da menopausa, segundo López (1997), é caracterizado pela perda progressiva da função ovariana, ou seja, cessação da ovulação acompanhada por manifestações físicas e psíquicas que também envolvem oscilações de humor. As mudanças hormonais condicionam o processo de sofrimento para a mulher, pois além de lidar com mudanças físicas e emocionais, a reação social para com essas oscilações hormonais é de rechaço e exclusão do feminino. A jovem mulher ou idosa que passa por etapas do ciclo hormonal é muitas vezes hostilizada pelos membros sociais que a cerca, por fugir do modelo padrão.

Como podemos observar nas expressões pejorativas na bula do medicamento "A saúde da Mulher", o ciclo feminino é referido como "perturbações e irregularidades" o que atribui um caráter negativo a um fenômeno que é natural. Para melhor compreender a vivência da mulher mediante a influência dos aspectos biológicos relacionados com os aspectos psicológicos, históricos e socioculturais na etapa da menopausa, Mori e Coelho (2004) constataram que o desequilíbrio hormonal da menopausa pode ser palco de sofrimento psíquico, apesar de fazer parte

da vida da mulher. A marca deste momento vital impõe questões sobre o corpo feminino que, se não forem bem trabalhadas, podem ocasionar sintomas depressivos.

A representação feminina, como evidencia as propagandas publicadas no JFN, é de fragilidade, debilidade e instabilidade. Como as representações são significados ditados pela cultura;

o corpo é um construto social e cultural fabricado no cotidiano [...] não tem em si mesmo nenhum significado intrínseco, ele é um conjunto de signos, produto de representações que, por meio de múltiplas estratégias, buscam "fixar" uma identidade sobre ele (DOS SANTOS ANDRADE, 2003, p. 140).

Estes significados, segundo a autora, são produzidos através da linguagem e estão implicados nas relações de poder. Desta forma, os dados corroboram que o feminino é historicamente tratado pelo estrato social como corpo com instabilidade mental cujo teor é a loucura. Com parâmetro da racionalidade ligado à figura masculina e emocional à figura feminina, convenções sociais atribuem à mulher fragilidade psíquica e física em decorrência da oscilação emocional vivenciada pelo corpo feminino por causa da mudança hormonal decorrente do ciclo menstrual e da menopausa.

Os achados também apontam para aspectos socioeconômicos, tendo em vista que a representação da população feirense - predominantemente negra - não está presente nas propagandas publicadas no JFN. O corpo feminino nas propagandas de medicamentos foi massivamente representado por mulheres brancas (figura 5).



Figura 5: Foto da propaganda "Regulador Gesteira" publicada na edição de 12 de outubro de 1936. Acessado em: 29 de novembro de 2019.

Apesar da propaganda ter sido publicada em um jornal feirense, não há referências ao público local, composto majoritariamente por mulheres negras e pardas do campo. A representação, como podemos identificar nas demais propagandas (figura 6), não apresenta a população feirense e está mais referenciada a uma escassa elite branca, público consumidor do JFN. No final da década de 40 já identificamos o enfoque nos padrões de beleza. Nas propagandas publicitárias Vikelp, por exemplo, reafirma-se o estereótipo de beleza ao atrelar a figura feminina a atividades domésticas e de cuidados com o corpo, além de utilizar desenhos de mulheres com características físicas de padrão europeu, com pele branca, cabelos lisos e estatura alta e magra. Em outras palavras, a representação do corpo feminino nos achados revela a realidade assimilada pelo imaginário social da época, a marca de valores individuais e coletivos.



Figura 6: Foto da propaganda "Vikelp" publicado na edição de 15 de dezembro de 1945. Acesso em: 02 de dezembro de 2019.

Na busca por compreender como se expressava a SM da população feirense, os dados coletados indicaram o corpo feminino como foco de sofrimento psíquico no construto histórico, social e cultural. Dentro da perspectiva de análise, constatamos que a SM está imersa nas relações sociais e de gênero, uma vez que as interações sociais são permeadas por estereótipos advindos dos efeitos da desigualdade de gênero. Os achados apontam para o caráter social

no adoecimento psíquico, na forma como a elite produtora e consumidora do conteúdo jornalístico no período estudado administra a saúde em sua totalidade, a partir de visões permeadas pela cultura, ideais morais estabelecidos pela sociedade em seu contexto histórico.

A análise dos exemplares do JFN publicados entre 1921-1950 revelam que no decorrer do século XX houve poucas transformações sociais operadas na representação do feminino. O corpo feminino visto pela perspectiva biologizante, biomédica, da saúde. Um corpo que precisava ser silenciado porque trazia incômodos, dor, atravessado pela propaganda da nascente indústria de medicamentos. Hoje sabe-se que a SM, apesar de ter influência do aspecto fisiológico do corpo, tem significativa interferência do meio social. O ambiente social da época, como pôde apresentar o percurso histórico, era massivamente adoecedor para as mulheres, relegadas à rotina doméstica.

As oscilações hormonais inerentes à fisiologia feminina eram consideradas um infortúnio para a sociedade da época, "um incômodo". Fundamentado em saberes de conhecimento do campo científico, o JFN, distante dos anseios populares, adota estratégias discursivas alinhadas ao modelo biomédico e pertinentes à classe alta letrada com publicidade de medicamentos que denotavam a grande oferta de remédios, símbolo do "moderno", induzindo assim a população ao consumo e fomentando a automedicação.

O presente estudo oportunizou a reflexão acerca do lugar submisso e doloroso atribuído à mulher no início do século 20 para pensarmos além da condição fisiológica como elemento delimitador do corpo feminino. Ao longo dos anos a mulher feirense tomou consciência disso? Esse e outros estudos poderão fazer emergir possibilidades que permitam às mulheres experimentarem nova compreensão de si mesmas, entendendo as linguagens de seus corpos, afastando-se dos estereótipos de beleza e do esperado lugar feminino – a meiga, dona do lar, representação corporal na grande mídia com viés moralista – para um olhar subversivo e autêntico da mulher feirense em lidar com as "amarras" sociais de sua época, as quais refletem até hoje.

Fonte de Pesquisa

Jornal Folha do Norte 1909-1978. Museu Casa do Sertão. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 1921-1925.

Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. (1944). **A Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE FEIRA DE SANTANA. CDL, Feira de Santana, v. 3, p. 602, 2012.

ARAÚJO, E. M. de. Configuração do espaço urbano de Feira de Santana-BA. *Saúde Coletiva*, v. 1, n. 1, p. 9-16, 2001.

BRASIL. **Bula do medicamento A Saúde da Mulher**. Ministério da Saúde; Site da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/datavisa/fila_bula/frmVisualizarBula.asp?pNuTransacao=5382372014&pIdAnexo=2111405>. Acesso em: 27 ago. 2019.

_____. **Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 96, de 17 de dezembro de 2008**. Dispõe sobre a propaganda, publicidade, informação e outras práticas cujo objetivo seja a divulgação ou promoção comercial de medicamentos. Ministério da Saúde; Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Diário Oficial da União**, 2008.

BIROLI, F. Técnicas de poder, disciplinas do olhar: aspectos da construção do "jornalismo moderno" no Brasil. *História*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 118-143, 2007.

BUTLER, J. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad** (1999). Tradução: Maria Antonia Mufloz. Barcelona: Paidós, 2007.

COUTINHO, L. Globalização e capacitação tecnológica nos países de industrialização tardia: lições para o Brasil. *Gestão & Produção*, Campinas, v.3, n.1, p. 49-69, abr. 1996.

DE OLIVEIRA, W. F. Algumas reflexões sobre as bases conceituais da saúde mental e a formação do profissional de saúde mental no contexto da promoção da saúde. *Saúde em debate*, v. 32, n. 78-79-80, p. 38-48, 2008.

DOS SANTOS ANDRADE, S. Saúde e beleza do corpo feminino - algumas representações no Brasil do século XX. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 119-143, 2003.

FOUCAULT, M. **Segurança, Território, População**. Curso no Collège de France (1977-1978). Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. (SPP/DVSAM – Saúde Mental) Definição de Saúde Mental. Disponível em: <<http://www.saude.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1059>>. Acesso em: 20 set 2019.

GROSSMAN, H. A imagem da mulher na imprensa de esquerda no Brasil, 1889-1922: uma exposição sumária. *Cadernos AEL*. n. 8/9, p. 69-88, 1998.

LARRAIN, J. O conceito de identidade. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 30-42, 2003.

LÓPEZ, F. R. P. Menopausia, Climaterio y Envejecimiento. In: *El gran libro de la mujer*. E. Arnedo. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 1997.

MESTRE, M. B. A. **Mulheres do século XX: memórias de trajetórias de vida, suas representações (1936-2000)**. (Tese de Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

MORI, M. E.; COELHO, V. L. D. Mulheres de corpo e alma: aspectos biopsicossociais da meia-idade feminina. *Psicologia: reflexão e crítica*. Brasília, v. 17, n. 2, p. 177-187, 2004.

ORLANDI, N. L.; LOPES, C. J.; FELIPPI, Â, C. T.; PICCININ, F. Q. Mídia e Identidade - O Regional no Jornal Nacional. *Revista Jovens Pesquisadores*. Santa Cruz do Sul, n. 1, p. 122-133, 2012.

PEREIRA, L. M. de F. **Reformas da Ilusão: a terapêutica psiquiátrica em São Paulo na primeira metade do século XX**. 1995. (Tese de Doutorado em Saúde Mental, Universidade Estadual de Campinas). Campinas, UNICAMP, 1995.

QUEIROZ, C. M. B.; SÁ, E. N. de C.; ASSIS, M. M. A. Qualidade de vida e políticas públicas no município de Feira de Santana. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 9, p. 411-421, 2004.

RABELLO, E. T.; CAMARGO JÚNIOR, K. R. de. Propagandas de medicamentos: a saúde como produto de consumo. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*. Rio de Janeiro, v. 16, p. 557-567, 2012.

ROSA, R. Um olhar sobre a cobertura jornalística de políticas públicas sociais no jornal Zero Hora. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. vol. 7, no 2, p. 286-296, 2010.

DE SOUZA SANTANA, A. C.; BARBONI, S. de A. V. Saúde mental na cidade de Feira de Santana, Bahia: análise de notícias, anúncios e serviços publicados no Jornal Folha do Norte (1909-1921). **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, São Cristóvão, v. 14, n. 26, p. 151-170, 2020.

VALADARES, G. C.; FERREIRA, L. V.; CORREIA FILHO, H.; ROMANO-SILVA, M. A. Transtorno disfórico pré-menstrual revisão: conceito, história, epidemiologia e etiologia. *Archives of Clinical Psychiatry*. Belo Horizonte, v. 33, n. 3, p. 117-123, 2006.